

A CIDADE GENERIFICADA: UMA BREVE ANÁLISE DAS FORMAS E FUNÇÕES URBANAS PERFORMATIVAS DE FEIRA DE SANTANA-BA.

Matteus Freitas De Oliveira
matteusfreitas@gmail.com

Dr. Wendel Henrique
wendelh@ufba.br
Universidade Federal da Bahia

RESUMO:

Fruto de constantes visitas a campo o presente artigo busca analisar a materialização das lógicas de gênero no espaço com a instituição de territórios e equipamentos urbanos especializados em performatividades sexuais que reiteram a subversão da produção do espaço heteronormativo capitalista. Nosso artigo põe o gênero como centro de análise para compreender a dinâmica erótica que existem nas cidades, dando ênfase a realidades urbanas de médio porte. Assim, a cidade de Feira de Santana-Ba, que centraliza uma gama de processos ligados ao comércio e se retroalimenta por sua importante e estratégica localização geográfica, se constitui em nosso espaço de análise. É no centro de Feira que especialmente à noite se vende muito prazer, bem como, é em Feira de Santana que outros corpos são consumidos pelo mercado do erotismo e se materializam em formas urbanas performativas generificadas. É sobre esses equipamentos de entretenimento sexual e os territórios das garotas de programa e das travestis que refletiremos, dialogando com a produção de gêneros e espaço mediados pela teoria *queer* numa perspectiva dialética.

Palavra-Chaves: cidade, generificação, performatividade e espaço.

O ESTUDO SOBRE CIDADE

Obra de arte inacabada, a cidade desde o período da era agrária era considerada, segundo Lefebvre (2008), como uma criação humana. Ocupando um sítio e uma situação, a cidade se configura como um objeto espacial, passivo de estudos e de diferenciação do rural por meio do modo de produção e da divisão do trabalho.

A cidade é moldada, tomada, invadida e reivindicada por vários grupos apresentando conteúdos, relações, usos e ações que evidenciam as contradições da sociedade contemporânea (LEFEBVRE, 2008). A cidade também é monumentalidade, dotada de formas arquitetônicas, vias de acesso, prédios, casas, que remontam um tempo uma urbanidade.

Apesar dessa sistematização conceitual, a maioria dos estudos urbanos foram e continuam sendo direcionados a análise das cidades de grande porte. Acredita-se que estes locais são mais complexos, dentre outros argumentos criados para justificar uma série de pesquisas a elas destinadas. A partir dessa visão reducionista e preconceituosa, as cidades de pequeno e médio porte, perdem sua representatividade espacial por aparentarem serem monótonas, sem inovações tecnológicas, entre tantos aspectos difundidos acerca dessas realidades (Silva, 2000).

Contrariando esses rótulos Castro (1995) afirma que existem relações sociais em todas as escalas em que a vida está representada tecnicamente para fins metodológicos, abrangendo as variadas dimensões do espaço, onde a complexidade está diretamente ligada ao desenvolvimento desse contato entre sujeito-espaço-outro, como também na criação de necessidades e sua materialização espacial.

Com essa premissa Sposito (2007) propõe uma metodologia para estudar cidades com médio porte, bem como classificar e compreendê-la como um nó importante na rede urbana brasileira e desnudando suas características de ambiguidade, pois agregam vantagens de pequenas cidades sem, contudo, apresentar as desvantagens dos grandes centros.

Nesse estudo a cidade, compreendida como uma particularidade do espaço geográfico é um exemplo clássico da complexidade resultante das relações sociais projetadas e produzidas, passível de análise geográfica, pois se trata da materialização da vida, anseios, desejos e da cultura urbana, que estão espacializados por toda a sítio de forma diferenciada, mas que se comunicam e estão interdependentes nas relações que nela se estabelecem. A partir dessa simbiose que marca as relações sócio-espaciais, em muitos casos mediados pelos conflitos entre seus agentes produtores, vê-se a emergência de uma nova leitura da cidade.

Compreende-se a cidade como um complexo criado por diversos grupos sociais, que independente do acúmulo de capital produzem e/ou consomem o espaço urbano, resignificando-o, remodelando-o de forma relacional e articulado, criando diferentes territórios. Esses lugares possuem limites que não são precisos, estanques, que simbolicamente demarcam uma lógica de funcionamento condizente àquela determinada porção do espaço, tendo como características fronteiras fluídas e simbólicas.

Diante disso a cidade é, portanto, uma construção humana que segundo Silva (2000) não se esgota numa dimensão biológica e ou funcional, mas extrapola essas concepções acrescentando-lhes as subjetividades marcadas pelos códigos e símbolos construídos na vida cotidiana, fazendo parte do processo de construção social dessa realidade espacial. Assim, mergulharemos numa abordagem cultural para entender o urbano na cidade de Feira de Santana e como esse espaço contribuiu para a generificação de corpos e permite a apropriação e delimitação espacial.

É sobre essa apropriação do espaço produzido que concentraremos nossas reflexões. Parafraseando Lefebvre (2008) é sobre o urbano que se descobre e que se explora na medida em que se é construído que atermos nossas análises nesse artigo. Um urbano incompleto, que não existe num plano de sociedade, mas que virtualmente co-existe gerando as contradições materializadas nos habitats, segregações e nas centralidades manifestando-se como exigência de encontros, reuniões e de múltiplas informações.

A PRINCESINHA DO SERTÃO: CONHECENDO O RECORTE ESPACIAL DE ESTUDO

“Todo dia o centro de Feira é um novo centro”.

Situada na zona de planície entre o Recôncavo e os tabuleiros semi-áridos do nordeste baiano, o município de Feira de Santana possui importância histórico-cultural para o estado da Bahia, Nordeste e Brasil. Essa importância pode ser justificada por meio de sua formação territorial, quando das passagens de várias tropas, viajantes e tropeiros oriundos do alto sertão baiano e de outros Estados, a caminho do porto de Cachoeira, a vila mais importante da Bahia no século XIX. Já era possível apontar Feira de Santana como um importante entreposto comercial de gado, que posteriormente se tornou mais complexo, pós a modernização, com a implantação do centro Industrial Subaé, na década de 70.

Uma nova Feira de Santana começou a ser elaborada. Um novo urbano, um novo mercado comercial se instaurou. Consequentemente, novos modos de vida foram produzidos e aderidos. Feira paulatinamente tornou-se globalizada, se constituindo num importante nó regional na rede urbana brasileira.

Junto às inovações tecnológicas, abertura de fábricas e postos comerciais, criação de conjuntos habitacionais, urbanização de espaços rurais, outro conteúdo vai se materializando no espaço feirense, retroalimentado pela pequena e tímida burguesia feirense, que em busca da luxúria e do prazer, favoreceu a instauração das antigas territorialidades do século passado da prostituição feirense no centro comercial, acompanhando-lhe até seu deslocamento para os bairros periféricos com base em políticas sanitaristas, em especial, o Santo Antonio dos Prazeres.

As estreitas ruas da cidade eram constantemente tomadas pela Feira de Sant'Ana que ainda hoje atrai, cotidianamente, centenas de pessoas das cidades circunvizinhas que aproveitam as variedades de serviços e comércios para resolverem demandas da modernidade.

Feira de Santana é um município pujante, o segundo mais importante no estado baiano, com cerca de 584.497 habitantes, de acordo com IBGE, na contagem da população em 2007. É no centro da cidade feirense que sua fortaleza se reproduz: o comércio. Apresentando um terceiro setor dinâmico, Feira se projeta como um urbano próspero. *Locus* da reprodução ampliada do capital, é nítida entre os comerciantes a sede pelo cliente, respira-se nesse local a concorrência, a informalidade e a subnormalidade na divisão do trabalho.

Não diferente das outras cidades brasileiras, o centro feirense é complexo, possui fragmentos de todas as partes da cidade e toda a cidade em suas partes. Desde os moradores de rua que sinalizam as classes sociais execradas do processo de acúmulo de capital representando os bairros periféricos, até as lojas de luxo, que direcionaram seus produtos para uma parcela da sociedade bem distinta.

O espaço foco desse artigo é a centralidade feirense que reúne produtos, significações, informações tronando-as simultâneas. Para Lefebvre (2008) a centralidade possui sua forma que é a simultaneidade que podem ser estudadas a partir da distinção de seu conteúdo. A centralidade, conforme Lefebvre (2008) possui um movimento dialético específico sendo uma condição *sine qua non* para uma realidade urbana que está em movimento, ou seja, em constante metamorfose (SANTOS, 1998), sujeitas a desarticulação por saturação remetendo-se a outras centralidades.

A sensação atual da centralidade é de sufoco. Tornou-se tão importante para o consumo regional que várias relações foram justas e sobrepostas em um único e

pequeno espaço, variando entre relações comerciais, simbólicas, informacionais e de decisão. O centro está apertado, sente-se sua saturação nas lojas exprimidas, impressadas, e, todo o dia que se volta àquele lugar da cidade, vê-se outra organização. Lojas reformando, calçadas ocupadas pelos camelôs, novas placas de propaganda, carros, pessoas, animais, diversos barulhos e odores. Essas são as características diurnas do centro feirense que dorme juntamente com o sol.

Inserida num sistema climático com fortíssima entrada de energia solar, a cidade, revestida de concreto, é quente tanto fisicamente, por estar situada no clima semi-árido, como culturalmente, por meio das monumentalidades existentes: concreto, asfalto, aço, zinco, ferro, entre outros materiais que absorvem energia solar e a fluidez que circula pelos fixos do centro.

O centro é quente, de fato. É uma constante queima de estoque o ano inteiro por diversas lojas de vários ramos comerciais tais como as papelarias, os vestuários, as farmacêuticas, as alimentícias, os cosméticos, os eletrodomésticos, etc, que mantêm o comércio aquecido e atrativo.

Esse é o cenário preliminar do centro que muitos dos habitantes e viajantes que circulam pela cidade conhecem. Mas poucas pessoas sabem, de fato, circular na cidade como os meninos de rua, a *galera da boca* que sobe com as drogas para distribuírem nos principais marcos geográficos, ou ainda, como as senhoras de programa que lutam contra o desprezo, fome e miséria e continuam comercializando seus corpos e prazeres cansados de guerra nas zonas obsoletas do centro.

Crianças nas sinaleiras, moradores de rua na frente da Igreja Senhor dos Passos, vendedores de amendoim e milho cozido nos pontos de ônibus, camelôs de óculos escuros, *DVDs* e *Cds*, mulheres que caminham rapidamente pelas calçadas segurando suas bolsas temerosas dos furtos, o trânsito congestionado, além dos vendedores com sistema de som convidando clientes. Esse é o local que dá espaço para a reprodução da prostituição e sua apropriação simbólica as simultaneidades à noite.

GENERIFICAÇÃO DO ESPAÇO URBANO: QUEM (RE) PRODUZ OS ESPAÇOS NA PERSPECTIVA DE GÊNERO?

Tradicionalmente não se encontram estudos que respondam quais agentes produzem os espaços por meio das relações de gênero. A maioria dos pesquisadores da geografia priorizou lançar seu olhar aos processos econômicos, sociais, ambientais e não pormenorizaram as análises culturais, sobretudo o gênero.

Os núcleos, grupos e redes de pesquisa como o NEPECⁱ, NEERⁱⁱ, GETEⁱⁱⁱ e o REGGAL^{iv} tem demandado esforços para fornecer visibilidade aos estudos de geografia e gênero no Brasil, graças à renovação da abordagem cultural que essas análises começaram a ser geridas repensando a tradicional invisibilidade do papel de gênero exercido pelos sujeitos enquanto produtores e produtoras do espaço, fruto do arcabouço teórico-metodológico hegemônico masculino que caracteriza a ciência geográfica.

Essa abordagem permite a compreensão da produção de espaços pela abordagem de gênero, pois para Silva (2005) as identidades e os papéis sociais são, nele, exercidos concretamente. A autora amplia o debate quando considera que o dinamismo do espaço “tanto constrói com é construído pelas experiências e vivências cotidianas espaciais a partir de representações” (SILVA, 2005, p.8).

Resgatando a teoria dos agentes produtores do espaço urbano de Corrêa (1992) percebemos que seu conteúdo é marcado pela heteronormatividade compulsória (Butler, 2003). Os agentes apresentados o Estado, promotores imobiliários, proprietários fundiários, grupo dos excluídos, etc. são pensados a partir das performances masculinas reiterando sua dominação (BOURDIEU, 1999). Está embutida uma concepção heteronormativa no modelo teórico utilizado imerso no materialismo histórico, enfatizando papel produtor do homem para o modo de produção capitalista.

Os olhos teóricos disseminados nessa teoria são masculinizados, pois só ao campo do masculino é permitido produzir em nossa sociedade ocidental. Foucault (2006) ajuda-nos compreender como os discursos subvertem a realidade e as transformam num plano ideológico, no que tange as performatividades de gênero. O mesmo autor favorece compreender como a ciência se configura enquanto uma instituição normatizadora que ratifica as normalidades dos gêneros inteligíveis.

Isso não significa que as mulheres, por exemplo, não estariam contempladas nas abordagens de Corrêa. Porém, ao mesmo tempo em que correspondem ao grupo dos excluídos o discurso internalizado na teoria reafirma sua exclusão: longe dos processos de dominação dos meios de produção, longe da visibilidade de gênero. A mulher é posta

no lugar que o discurso paternalista lhe permite: nas zonas “inóspitas” do gênero (BUTLER, 2003).

Tais compreensões sobre cidade, embora tenham permitido avanços consideráveis no entendimento do urbano, criaram uma contramão desses discursos, escamoteando, por muito tempo, a capacidade de subversão, inconformismo aos imperativos biologizantes que padronizavam o gênero dentro das análises urbanas geográficas. Em o pensamento marxista e a cidade Lefebvre (1972) e em espaço e política (2008) afirma que o espaço e a relações entre trabalho produtivo não bastam em si mesmo e seu utilizando de Marx argumenta que o espaço enquanto coisa contém e dissimula relações sociais para além da matéria produzida pela relação do capital. Outras categorias de análise social que privilegiam as nuances que estão ocultas operacionalizam estudos e as fornece visibilidade, apresentamos então o gênero como um conceito que possibilita articulado com tantos outros, um estudo sobre a produção do espaço.

O conceito de gênero se refere ao modo como as características sexuais são compreendidas e representadas, ou ainda, como são colocadas para prática social e tornadas parte do processo histórico. Mais que uma ferramenta para análises teóricas afinadas, o conceito de gênero nega em sua essência a neutralidade científica defendida pelos postulados positivistas e demarcam novas fronteiras políticas/epistemológicas para a compreensão desse espectro da vida.

Concordando com essa premissa Cosgrove (2003) afirma que toda produção humana é socialmente construída, nesse sentido o gênero não pode ser entendido como naturalizado ou essencializado, mas como uma produção simbólica da sociedade que a ideologia se apropria e reproduz espaço para legitimar e sustentar os discursos dominantes e os gêneros normativos.

Para tanto, se o espaço urbano é “fragmentado, articulado, reflexo, condicionante social, cheio de símbolos e campo de lutas – é um produto social, resultado de ações acumuladas através do tempo, e engendradas por agentes que produzem e consomem o espaço” (CORRÊA, 1992, p.11), este também pode ser um produto das relações de gênero.

Silva (2005) dessencializa o gênero compreendendo-o como um produto das práticas discursivas (FOUCAULT, 2006), ou seja, uma construção histórica

determinada pela sociedade, sem necessitar de compatibilidades entre gênero, corpo e sexo (BUTLER, 2003). Para Butler (2003) faz parte do jogo do dispositivo poder/saber da heteronormatividade afirmar a estabilidade entre corpo-gênero e sexo, contudo, vale salientar que não existam sujeitos identitariamente estáveis (HALL, 2003).

Exemplificando, os termos mulher e homem são categorias performáticas de um contexto social, por isso mesmo um produto dessas mesmas relações. Nesse sentido, nada garante que haverá uma reciprocidade entre órgãos, desejo e representação social em um sujeito correspondente ao que se consideram como papéis sociais normativos, em que pênis, desejo pelo sexo oposto e masculinidades estejam coesos num mesmo sujeito.

Tanto o espaço quanto o gênero são produtos de relações sociais imersas numa forte trama de poder. As lógicas de produção do espaço perpetuam os interesses dos gêneros inteligíveis gerando a abjeção simbólica e espacial dos sujeitos que não correspondem às linearidades entre órgãos, desejo e representação social. A abjeção é um processo de exclusão/segregação que tornam os gêneros abjetos e forjamos espaços segregados. As periferias generificadas ou os centros obsoletos são espaços de concentração dos gêneros ilícitos segundo a matriz heterossexual. São nesses espaços que os seres abjetos encontram condições favoráveis para sua reprodução subvertendo as normas anteriormente impostas pelo processo contínuo de generificação.

A generificação é um processo de produção de gêneros, de corpos, de performances, sexos e espaço sem estar dissociada das práticas discursivas, sejam elas dominantes ou marginalizantes. A generificação ultrapassa os corpos e dialeticamente produzem espaços, os berços dos gêneros. Podemos afirmar que os espaços são produzidos para refletir as ideologias da heteronormatividade, porém, em sua complexidade, surgem dos escombros de suas representações os espaços abjetos, aqueles que subvertem as normas da matriz heterossexual normativa.

Esse processo atinge as cidades. Os órgãos governamentais, as igrejas, os campos de futebol, as indústrias, as escolas, por exemplo, são espaços instrumentalizados para reafirmar as disparidades de gênero a favor da heteronormatividade. Quando outros locais são criados com ideologias contrárias, que negam a normatividade masculinizadora às instituições e seus aparatos são acionados rumo à desativação, cerceamento e até mesmo violência.

Compreendemos a dialética na generificação entre espaço/sujeitos, sujeitos que produzem os espaços, os espaços que reafirmam e produzem sujeitos como um processo contínuo. É nessa perspectiva que as travestis, por exemplo, são generificadas, em seu espaço abjeto generificante que é a rua, a zona de batalha ou simplesmente a pista.

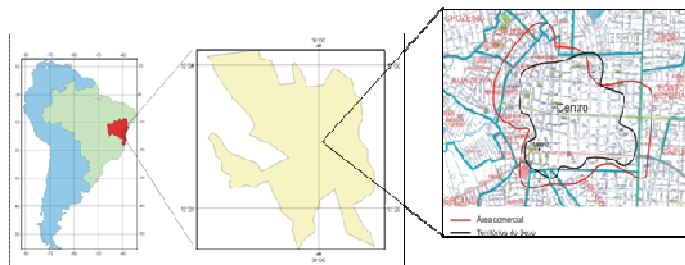
Segundo Benedetti (2003, p.114) o espaço da prostituição “é um dos principais lugares sociais de construção e aprendizado do feminino, (...) servem de camarim e palco para o processo de transformação de gênero” travesti. São nesses espaços generificantes que muitas *monas* têm seu primeiro contato com o universo trans e vêm a possibilidade de concretizar seus desejos de transformação.

Tal como o espaço urbano, a travesti é um processo contínuo e inacabado, estão preocupadas em moldar o corpo e produzir uma performance mais próxima do mundo feminino. Como as produções espaciais não cessam na cidade, a mesma constância é realizada nessas agentes que se *quebram toda na plástica*¹ para dar close e adquirir maior status no grupo. De acordo com Pelúcio (2005-a) em busca da beleza afinam seus traços, bronzeiam seus corpos, adornam-se com roupas de remetem a mulheres glamourosas, escolhendo, inclusive, nomes de atrizes famosas.

O CENTRO GENERIFICADO DE FEIRA DE SANTANA

As ruas de Feira de Santana são muito movimentadas durante o dia, pois polariza uma rede comercial influenciando as cidades de seu entorno atraindo seus habitantes. Sua posição estratégica de entroncamento rodoviário qualifica o município enquanto nó importante na rede urbana baiana. Porém durante a noite, só trafegam no centro da cidade os carros particulares, ônibus coletivos e poucos pedestres que residem próximo do centro comercial. (ver figura 01)

FIGURA 01: Localização do centro generificado



O Bairro Centro é caracterizado por um aglomerado de simultaneidade, ou formas, que possui vários conteúdos que se reveza em tempos e espaços diferentes.

¹ Processo de modificações corporais descritas por Pelúcio (2005-b);

Trata-se de um lugar comercial, em que durante o dia são realizadas atividades ligadas ao comércio, onde se estabelece relações socio-econômicas composto de micro-espços relacionais, possuindo sua complexidade, seu movimento, seu fluxo, sua intencionalidade, que vai cedendo espaço para outro conteúdo.

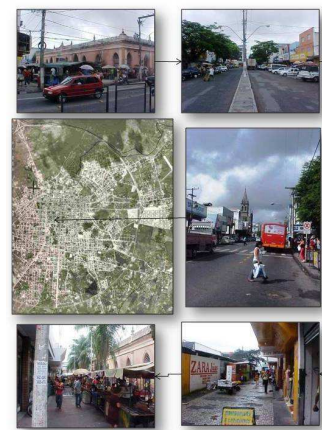
Da mesma forma como o por-do-sol demarca um período de transição do dia para a noite, após o desativar das atividades diurnas percebe-se a oficialização de outra organização espacial. À noite este espaço reveste-se de nova lógica, códigos e símbolos formando o território da prostituição onde as travestis e as prostitutas fazem circular outras intencionalidades, bifurcando os fluxos noturnos do centro, as pessoas que nelas circulam, as intencionalidades, caracterizando esse lugar como complexo e com grande poder de metamorfose espaço-temporal.

O cenário comercial socialmente aceito pela comunidade e que reafirmam a heterossexualidade normativa, é novamente generificado e subsidia a efetivação dos territórios do sexo no centro de Feira de Santana. Esses espaços, resignificados a partir dos novos códigos e símbolos, são caracterizados pela circulação dos “sujeitos da noite” em busca de encontros amorosos e sociabilidade, que por sua vez possuem uma lógica própria de funcionamento conforme pode ser observado nas figuras 02 e 03.

FIGURA 02: Território da prostituição Trans -I



FIGURA 03: Território da prostituição Trans -II



À noite, no desarticular das práticas comerciais, emerge de forma legitimada os territórios flutuantes do sexo tanto das prostitutas como das travestis que estão em constante conflito tanto pela solidificação de seus territórios, ampliação de suas redes de contatos e clientela bem como, em busca da autonomia e soberania do centro comercial da cidade durante a noite.

QUADRO 01: ANÁLISE COMPARATIVA DOS TERRITÓRIOS DA PROSTITUIÇÃO

TERRITÓRIOS	CARACTERÍSTICAS
-------------	-----------------

	LOCALIZAÇÃO	ESPECIFICIDADES	CLIENTELA	ESTABILIDADE	NORMAS/ CIRCULAÇÃO
Território Trans I	Avenida Presidente Dutra	Avenida com movimento reduzido à noite e apresenta coesão de hotéis de alta rotatividade, ruas e becos vazios	Viajantes, caminhoneiros, moradores da cidade e algumas "mariconas".	Menor estabilidade, território mais propenso a ataques violentos.	Circulam entre as ruas que se conectam a pista. Atendem em hotéis ou em locais tranquilos. Devem conquistar a esquina.
Território Trans II	Avenida Senhor dos Passos, Getúlio Vargas e Marechal Deodoro	Centro comercial desativado a noite além de possuir ruas com pouco fluxo e hotéis de alta rotatividade no entorno.	Viajantes, caminhoneiros, moradores da cidade e algumas "mariconas".	Menor estabilidade, território mais propenso a ataques violentos apesar da presença do módulo da polícia militar.	Circulam entre as ruas que se conectam a pista. Atendem em hotéis ou em locais tranquilos. Devem conquistar a esquina.
Território da Meretriz	Praça da Igreja Matriz.	Coração da cidade, bares, hotéis de alta rotatividade.	Viajantes, caminhoneiros, moradores da cidade e hóspedes dos hotéis circunvizinhos.	Maior estabilidade, território mais consolidado e menos violento.	Concentram-se no lado da Igreja, só atendem em hotéis. Não há cafetão, mas existe um acordo mudo com a rede hoteleira.

Compartilhando microterritórios diferentes o centro feirense é denso de micropoderes, de ideologias antagônicas e práticas repressivas. É nesse espaço onde o sagrado e o profano se encontram, os antagônicos se colocam face a face refletindo bem a contradição da cidade capitalista. Os quadros de 01 à 03 apresentam uma análise comparativa entre os territórios, espaços e equipamentos estudados. Vale salientar que a construção dessas informações foram pautadas na participação observante e nas conversas com os sujeitos de pesquisa desde 2006.

QUADRO 02: ANÁLISE COMPARATIVA DOS ESPAÇOS QUE OCORRE PROSTITUIÇÃO

ESPAÇOS	FUNÇÃO	ESPECIFICIDADES
Bairro Santo Antonio dos Prazeres	Área habitacional que concentra vários equipamentos de serviços sexuais com atendimento especializado.	Prostituição predominantemente feminina para homens de alto poder aquisitivo. As garotas vivem confinadas nas casas do prazer sobre a égide de um(a) cafetão (ina).
Beco da Energia	Área habitacional e antigo ponto de prostituição que passa por intensa periferização e se localiza na centralidade.	Prostituição predominantemente feminina para homens de baixo poder aquisitivo. O confinamento também é expressivo e as mulheres possuem idade avançada longe do estereótipo da garota nova de programa.
Entorno do Mercado de Artes	Área comercial de baixo fluxo noturno e com presença maciça do mercado informal, sobretudo de camelôs.	Durante a noite com a rarefação do movimento a praça é utilizada para uso de entorpecentes, como também as barracas dos camelôs são utilizadas para encontros homoeróticos.

QUADRO 03: ANÁLISE COMPARATIVA DOS EQUIPAMENTOS URBANOS ABJETOS

EQUIPAMENTOS	FUNÇÃO	ESPECIFICIDADES
Bares e Boates GLS	Entretenimento para a diversidade e local para paquera.	Geralmente esses espaços não possuem solidez de mercado e por conta do alto serviço que é ofertado muitos bares fecham pelo esvaziamento da clientela.
Organizações não governamentais	Locais de discussão e trabalho social voltados para grupos específicos da	Além do trabalho social de conscientização para prevenção das DST's discutem a

	sociedade. Para essa pesquisa considerou-se apenas três ONG's, a saber o GLICH ¹ , APROFS ² e TRANSFÊMEA ³ .	legitimidade dos gêneros e da prostituição enquanto função trabalhista.
Cine Ires	Equipamento de entretenimento audiovisual com exibições diárias de filmes pornô.	Os filmes exibidos retratam envolvimento heterossexuais com ênfase na penetração anal, apesar de que o público frequentador são, em sua grande maioria, homossexuais que se envolvem eroticamente nas poltronas ou nas cabines escuras do fundo.
Banheiros públicos e privados	Para higiene pessoal os banheiros do centro da cidade de grande movimento como do Hiper G Barbosa, Rodoviária e do Shopping Jomafa.	Os banheiros de alta rotatividade servem para encontros rápidos homoeróticos. Existe uma deficiente fiscalização que ora permite e ora penaliza tais acontecimentos.

¹ Grupo Liberdade Igualdade e Cidadania Homossexual

² Associação das Profissionais do sexo de Feira de Santana.

³ ONG destinada ao atendimento específico das Trans.

Subsidiando a permanência desses territórios da prostituição existe uma infraestrutura que possibilita sua existência. A presença de avenidas, ruas e praças de baixo fluxo noturno, hotéis, lanchonetes, bares, pontos de taxi e moto *boys* são equipamentos urbanos estratégicos para fluidez e estabilidade desses territórios, apesar de não conter os eventos de violência de gênero que ocorrem nesses espaços.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao discutir os corpos abjetos em *Bodies that matter*, Judith Butler (2003) para desenvolver sua reflexão sobre a matriz normativa heterossexual, apresenta de forma metafórica uma perspectiva que nos possibilita fazer uma imersão na produção do espaço. Para Butler (2003)

O abjeto designa aqui precisamente aquelas zonas “inóspitas” e “inabitáveis” da vida social, que são, não obstante, densamente povoadas por aqueles que não gozam do status de sujeito, mas cujo habitar sob o signo do “inabitável” é necessário para que o domínio do sujeito seja circunscrito. (2003, 155).

Seu discurso subversivo nos convida a compreender a abjeção como um processo amplo que ultrapassa os corpos atingindo o espaço. Apesar de apontar os hiatos populacionais na vida social, Butler em sentido figurativo explica as ausências e silêncios que banem os corpos que não importam. Tais corpos abjetos se materializam, pavoneiam e adquirem significado na vida real.

A segregação espacial também se faz por uma lógica de gênero e não somente por esta. A imposição delicada e sutil das fronteiras da inteligibilidade dos gêneros ditam os espaços que são (re)produzidos para os corpos que pesam, ou seja os que são inteligíveis aparados e protegidos pelas instituições normatizadoras e os espaços

periféricos da ordem do “inóspito” onde a vida dos cidadãos de bem perdem seus efeitos, sendo um campo fértil para abjeção.

Essa lógica acontece delimitando os corpos e espaços que pesam e os que não importam. Pois de acordo com Soja (1993) o espaço é transpassado pela mesma gramática que produzem os corpos. Na dialética em que o espaço é produzido reserva em si o caráter geográfico do gênero: espaços que generificam corpos e os corpos que generificam os espaços em que habitam. Espaço é, portanto, locais habitados por discursos. Nesse sentido, cabe também a geografia de gênero analisar a ontologia produzida em sua ciência, pois a ontologia é um lugar regulamentado, como diria Foucault, um efeito de poder.

A teoria *queer* privilegia o estudo das exclusões e da marginalização de grupos sociais nas atividades políticas e econômicas dentro da matriz heterossexual que se manifesta via homofobia. Silva (2009) se utilizando de Binni e Valentine (1999) afirmam que antes de uma leitura *queer* do espaço seria necessário empreender uma leitura *queer* da ontologia geográfica que tem excluído possibilidades de estudos desse campo na produção científica.

O estudo da generificação do urbano é um passo motivador para compreender a gênese do espaço/gênero relacionado com outras categorias sociais como classe, etnia-raça, escolaridade e etc. Além de provocativa a teoria *queer* propõe o dialogo de várias ciências a partir da pluralidade teórica metodológica, implicando numa (re) avaliação de seus métodos e estratégias de pesquisa e diversificação de objetos.

No que se refere ao estudo de caso, concluímos que apesar de apresentar porte médio a cidade de Feira de Santana possui uma diversidade espacial no que se refere a subversão. As centralidades acumuladas contribuem para a centralização de práticas e equipamentos sexuais revelando a contradição e complexidade da matriz heterossexual e da produção do espaço.

Estudos em realidades urbanas de pequeno e médio porte revelam as particularidades desses processos e a profundidade das materializações alcançadas. Esforços de análise sobre essas temáticas nessas realidades urbanas tem sido realizado na geografia como podem ser observados nos artigos de Santos (2005) e Ornat (2008).

Talvez seja por meio da teoria *queer* que a Geografia possa se aproximar das características mais eróticas que compõem as cidades, libertando-se do temor de aceitar

prazeres experienciados nesse urbano contemporâneo. As áreas urbanas altamente concentradoras de processos generificantes produzem estranheza e incomodo para muitos pesquisadores, que por vezes, temem se perder nos encantos e insinuações que o espaço sexuado lhes provoca.

REFERÊNCIAS

BENEDETTI, Marcos. *Toda feita: o corpo e o gênero das travestis*. Coleção Sexualidade, gênero e sociedade. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Tradução Maria Helena Khuner- Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CORRÊA, R. L. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1992.

FOUCAULT, M. **A História da Sexualidade 1: a Vontade de Saber**. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

LEFEBVRE, Henri. **O pensamento marxista e a cidade**. Lisboa: Ed. Ulisseia, 1972.

LEFEBVRE, Henri. **Espaço e Política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

ORNAT, Marcio ; SILVA, Joseli Maria . Território da Prostituição do Ser Travesti em Ponta Grossa - Paraná. In: **Seminário Internacional Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder**, 2008, Florianópolis. Anais do Simpósio Temático Sexualidades, Corporalidades e Transgênero: Narrativas fora da ordem., 2008. v. 1. p. 1-9.

PELUCIO, Larissa . Na noite nem todos os gatos são pardos - notas sobre prostituição travesti. Cadernos Pagu (UNICAMP), Campinas, v. 25, p. 217-248, 2005-a.

PELUCIO, Larissa . Toda Quebrada na Plástica - corporalidade e construção de gênero entre travestis paulistas. Campos (Curitiba), Curitiba _PR, v. 06, n. 01, p. 97-112, 2005-b.

SANTOS, Mario Jorge Silva . Territórios da Prostituição no Centro de Aracaju. **Caderno de estudantes** - UFS, São Cristóvão - SE, v. 04, p. 222-321, 2005.

SANTOS, Milton. **METAMORFOSES DO ESPAÇO HABITADO**, fundamentos. Teórico e metodológico da geografia. Hucitec. São Paulo 1988.

Geografia: Temas sobre cultura e espaço. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005.

SILVA, J.M. Culturas e Territorialidades Urbanas. In: **Revista de História Regional**, volume 05, nº 02, Inverno de 2000.

SILVA, J.M. Análise do espaço sob a perspectiva de gênero: um desafio para a geografia cultural brasileira. In: ROSENDAHL, Z; CORRÊA, R.L. (Orgs). **Geografia: Temas sobre cultura e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005.

SILVA, J.M. As alianças das perspectivas feministas e cultural para superar ausências e silêncios na geografia brasileira. In: MENDONÇA, F; SAHR-LOWEN, L.C; SILVA. M da. **Espaço e tempo: Complexidade e desafios do pensar e fazer geográfico**. Curitiba: ADEMADAN, 2009.

SOJA, E. **Geografias pós-modernas**. Rio de Janeiro: Zahareditores, 1993.

ⁱ Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura situado na Universidade Estadual do Rio de Janeiro;

ⁱⁱ Núcleo de Estudos em Espaço e Representação que articula, no momento, projetos e grupos de pesquisa de doze universidades brasileiras (UFPR, UFBA, UFRGS, UFG, UNIR, UFMS, PUC-MG, UEPG, FURG, UFAM, UFF e UFPB), com as seguintes temáticas/ abordagens: Nova Geografia Cultural; Geografia Humanista-Cultural; Estudos de Percepção e Cognição em Geografia; Geografia das Representações; Geografia Social; Geografia da Religião; Geografia Escolar: Representações e Ensino; Teoria e Método na Geografia Cultural e Social.

ⁱⁱⁱ Grupo de estudos territoriais da Universidade Estadual de Ponta Grossa – PR tem desenvolvido estudos na subárea da geografia feminista e sexualidades.

^{iv} Rede de Estudos de Geografia e Gênero da América Latina